

DOCUMENTAÇÃO

Ficar em casa também é coisa de homens

Nos Estados Unidos, foi divulgado que houve um aumento do número das mães e dos pais que decidem não trabalhar fora de casa para cuidar dos filhos. Isto pode parecer um retrocesso - para as mães - ou uma audaciosa inovação - para os pais; todavia, a análise desses casos mostra mais outra coisa. As famílias têm diferentes situações e preferências, e o mais importante não é que sigam determinados tópicos ideológicos, mas que tenham a maior liberdade possível para se organizarem como melhor lhes convier.

Há pouco mais de 40 anos, as donas de casa já eram menos frequentes nos Estados Unidos, mas constituíam ainda metade das mães, e a maioria entre as que tinham filhos pequenos. Os "donos de casa", por seu lado, eram uma raridade sem relevância estatística.

Nessa altura, quase metade das crianças vivia com uma mãe que não tinha trabalho remunerado. 90% desses lares eram sustentados com o salário do marido.

Uma ascensão recente

A crescente entrada das mulheres no mercado laboral fez baixar a percentagem de mães sem salário. Em 1999, as mães que ficavam em casa, estavam reduzidas a 23%. Foi o mínimo histórico: depois a percentagem começou a subir e, em 2012, atingiu 29%, a taxa mais elevada desde meados dos anos 80.

Os pais que ficavam em casa também aumentaram em número até alcançarem valores apreciáveis. De 1,1 milhões em 1989 (4% dos pais), passaram para 2 milhões (7%), depois de um pico de 2,2 milhões em 2010. Embora a grande maioria dos progenitores que trabalha somente em casa continue a ser de mães, os pais passaram de 10% para 16%.

Todos esses dados, e os que se vão citar em seguida, provêm de dois estudos em separado sobre mães e pais donos de casa nos

Estados Unidos, publicados pelo Pew Research Center em abril e em junho deste ano (D'Vera Cohn, Gretchen Livingston e Wendy Wang, 2014, "After Decades of Decline, A Rise in Stay-at-Home Mothers". Washington, D.C.: Pew Research Center's Social & Demographic Trends project, April. Gretchen Livingston, 2014, "Growing Number of Dads Home with the Kids: Biggest increase among those caring for family. Washington, D.C.: Pew Research Center's Social and Demographic Trends project, June).

Devemos advertir que quando aqui falamos de "mães" ou "pais", sem outras características adicionais, estamos a referir-nos a pessoas que vivem com filhos menores de 18 anos. Se se tiver isto em conta, o número de pais que ficam em casa é mais significativo, pois nos Estados Unidos, 16% dos homens com filhos menores não vivem com nenhum deles.

Por outro lado, a condição de mãe ou pai que fica em casa não é definitiva na maioria dos casos. A taxa de atividade feminina consoante a idade, nos EUA e em muitos outros países, forma uma curva parecida com um M: baixa nos anos em que costuma ter filhos pequenos, e sobe depois.

Ficam em casa porque querem

As duas tendências detetadas nos estudos são dignas de consideração. Mas os últimos anos têm sido de crise económica. Se o crescimento do número de mães e pais a ficar em casa é um simples efeito do desemprego, carece de relevância do ponto de vista da sociologia familiar.

A recessão certamente que teve influência, mas não é a principal causa do fenómeno. Tanto entre as mães como entre os pais sem trabalho remunerado, a maior parte do aumento deve-se aos que decidiram ficar em casa para atender a família.

Entre as mães a ficar em casa, as que afirmam estar assim por não terem podido encontrar emprego passaram de 1% no ano 2000, para 6% em 2012. No entanto, essas mulheres equivalem a somente 25% do aumento do número de mães que ficam em casa. Pelo contrário, são ainda maioria, 73%, as que afirmam estar em casa para atender a família.

Também o incremento do número de pais a ficar em casa é mais notório entre os que estão assim porque querem (ver Gráfico 1, publicado em “Aceprensa”). E isto é uma novidade absoluta. Até agora, o mais comum se um pai não saía de casa para trabalhar, era que estivesse doente ou fosse deficiente: em 1989, era o caso de 56%. Em 2012, ainda se encontra nessa situação a maior parte (35%), mas a seguir deparamos com os que não conseguem encontrar emprego, cujo número subiu de 15% para 23%: claro efeito da crise. No entanto, essa não é a maior alteração. Cresceu muito mais o número dos pais que ficam em casa para cuidar da família: de escassos 5% em 1989, para 21%, em 2012.

Gráfico 1



As casadas têm uma margem maior

Vemos assim que está a aumentar o número das mães e dos pais que ficam em casa por escolha própria. Mas, naturalmente, as pessoas escolhem entre as opções disponíveis, e entre elas pode não estar a que consideram melhor de todas. De facto, o número das mães a ficar em casa para as quais a sua situação é a ideal, baixou de 48% em 2007, para 36% em 2012. Isto reflete sem dúvida o aumento do número das que não conseguem encontrar trabalho remunerado. Portanto, para saber que tendências de fundo fazem mexer o fenómeno das mães e dos pais que ficam em casa, precisamos de observar que oportunidades e limitações estão a ter as famílias.

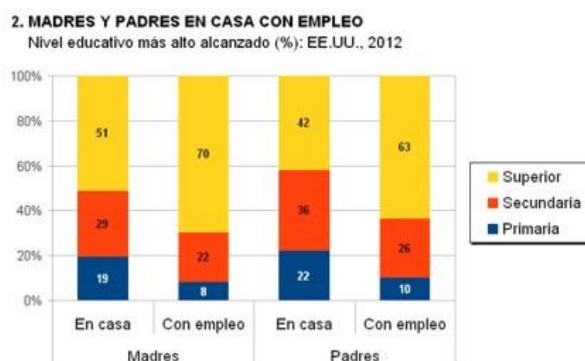
No aspeto económico, os lares com um progenitor sem trabalho remunerado, seja a mãe ou o pai, têm, em média, menos rendimentos do que os outros. Mas não se trata apenas de que com dois salários entra mais dinheiro em casa. Como era de esperar, as mães com menor taxa de pobreza (3%) são as casadas que trabalham e cujos maridos também trabalham. Mas em seguida não figuram outras que são remuneradas, mas as donas de casa com marido que trabalha (15%). As taxas de pobreza para as mães com trabalho, mas que vivem sós ou em união de facto, rondam os 30%. As mais pobres de todas são as que vivem em união de facto e não trabalham fora de casa (88%), seguidas pelas mães sozinhas sem trabalho (71%).

De modo que o casamento está associado a um maior bem-estar familiar. Talvez por isso, a percentagem de mães casadas sem trabalho externo que afirma estar assim para cuidar da família – não porque não tenha outra alternativa – é elevada, 85%, bastante mais do que a média (73%). As mães casadas têm uma maior margem para decidir se trabalham fora de casa ou não.

Casamento e bem-estar

Mais ou menos o mesmo acontece com o nível de instrução, que se relaciona com a probabilidade de obter emprego e a remuneração que se pode receber. Em média, as mães que ficam em casa têm formação académica inferior (ver Gráfico 2, publicado em “Aceprensa”). Aparentemente, é lógico: as licenciadas tenderão a conservar os empregos de categoria e salário superiores a que têm acesso. Mas também entre as mães sem trabalho remunerado, as casadas são as que mais passaram pela universidade: 58% das que têm marido a trabalhar e 42% das que têm marido sem emprego. Já as mães não casadas têm as menores taxas, tanto entre as que estão em casa, como entre as que trabalham.

Gráfico 2



Novamente, parece que o casamento é acompanhado por maior estabilidade económica. Ao mesmo tempo, observa-se o reflexo de um problema detetado nos Estados Unidos: casar-se tornou-se menos frequente em extratos populacionais com rendimentos inferiores aos da classe média. Assim, mães solteiras ou em união de facto costumam coincidir com situações de menor nível de instrução e mais pobreza. Uma evolução semelhante verifica-se em França, segundo um estudo do INSEE – Institut National de la Statistique et des Études (Zohor Djider, “Huit femmes au foyer sur dix ont eu un emploi par le passé”. INSEE Première, n. 1.463; août 2013): antes, as mulheres com menor percentagem de casadas eram as de nível educativo superior. Já não acontece essa diferença e, pelo contrário, aumentou muito mais o número das mães solteiras entre as que têm menor formação académica.

Quando os filhos são pequenos

Portanto, comprova-se a tese de que as mães que ficam em casa o fazem na sua maior parte para cuidar da família, sobretudo quando os filhos são pequenos. A percentagem de mães com filhos pequenos situa-se nos 40% entre as que trabalham, e nos 51% entre as que estão em casa.

Naturalmente, isto é um reflexo em parte das mulheres que deixam o trabalho, por mais ou menos tempo, depois do nascimento de um filho. Fizeram-no, também para cuidar de um familiar adulto, 27% das mães (neste caso, as que têm filhos de qualquer idade). Ora, é interessante que também os pais, em percentagens claramente menores mas apreciáveis, afirmam ter reduzido o tempo que dedicam ao trabalho pelo mesmo motivo (ver Gráfico 3, publicado em “Aceprensa”). O aumento do número de pais a ficar em casa responde a essa atitude, sinal de uma mudança social que pode ser muito importante. Pelo menos, isso é defendido num estudo recente sobre o fenómeno nos Estados Unidos (Karen Z. Kramer e Amit Kramer, 2014, “The Rise of Stay-at-Home Father Families in the US: The Role of Gendered Expectations, Human Capital, and Economic Downturns”. University of Illinois, School of Labor and Employment Relations, Working Paper).

Gráfico 3



Mudança de mentalidade

Para os autores, a percentagem de pais em casa, relaciona-se com dois fatores: sobe com a taxa de desemprego e nível de instrução das mães. O primeiro aspeto não precisa de comentários. O segundo mostra que a opção de deixar o trabalho já não é unívoca. As mulheres nos EUA são metade da população ativa e obtêm a maioria dos títulos universitários. A crescente vantagem feminina na educação é fator crucial para ser ele e não ela quem ficará em casa.

No estudo, a taxa de pais que ficam em casa tem tendência de fundo para aumentar, não explicável por esses ou outros fatores. Nela, os autores veem a mudança de mentalidade na distribuição de responsabilidades na família. De 1965 a 2010,

período do estudo, as mães casadas trabalharam menos horas em casa e mais horas fora. Os pais casados fizeram o inverso, embora ainda com grandes diferenças das mulheres: no lar dedicam pouco mais de metade do tempo que elas, e para o trabalho fora, 75% mais.

Como era de esperar, há maior percentagem de pais a ficar em casa entre os que não completaram o ensino secundário (14%), do que entre os licenciados. Mas, a taxa nestes últimos cresceu, enquanto que nos primeiros, não.

O estudo do Pew acrescenta resultados interessantes de um inquérito. A opinião pública é favorável às donas de casa. 51% pensam que um filho fica melhor se a sua mãe se encontrar em casa, e 34%, que fica igualmente bem se ela trabalhar fora. Quando se pergunta a mesma coisa sobre o pai, só 8% consideram que o filho fica melhor e 76%, que é igual. Mas se se consultar os diretamente interessados, mães e pais respondem em percentagens muito parecidas que sofrem dificuldades para conciliar trabalho e família, e estão dispostos quase por igual a ficar em casa para atender os filhos (52% as mães, 48% os pais).

As mulheres estão presentes como nunca no trabalho, e a vantagem que adquiriram em educação augura que chegarão cada vez mais alto. Já passou a altura de apresentar como opção vergonhosa para elas o trabalhar a tempo inteiro no lar, por mais ou menos tempo, como coisa de tempos obscuros. Falta que com os homens se passe o mesmo.

R. S.

Mães em casa: diferentes circunstâncias, mesmos motivos

Diversamente dos EUA, em França, a percentagem de mães sem trabalho externo tem continuado a baixar: de 31% das mães em 1991 (percentagem mais elevada do que a norte-americana do mesmo ano) para 20% em 2011, segundo se deduz do estudo citado no artigo anterior (Cfr. Zohor Djider, ob. cit. O autor fornece as percentagens de donas de casa entre o total de mulheres não estudantes dos 20 aos 59 anos; as percentagens entre as que são mães podem-se calcular a partir de outros dados incluídos no mesmo estudo). Mas, em conjunto, a taxa de atividade feminina (2010) é quase igual nos dois países (73% em França, 72% nos EUA). O que seguiu evoluções díspares é a fecundidade: de 2002 a 2012, a francesa subiu de 1,88 filhos por mulher para 2,01, enquanto a norte-americana fez justamente o caminho inverso, de 2,02 para 1,88. E na recuperação francesa, as donas de casa são as que mais filhos geraram em percentagem.

Na **Alemanha**, a taxa de atividade feminina é ligeiramente superior: 75%. Pelo contrário, a fecundidade é muito mais baixa, e a recente subida (2002-2012), insignificante: de 1,34 para 1,38. Algo peculiar da Alemanha é que a contribuição das donas de casa para a natalidade é muito elevada em percentagem, pois grande parte das mães com filhos pequenos não trabalha fora de casa. De facto, a taxa de atividade das mulheres sem filhos é muito semelhante – 80% ou mais – à dos homens. A grande diferença – até 40 pontos – está nas mães, que somente se aproximam da taxa geral por volta dos 40 anos, quando os filhos já não são pequenos (Cfr. Matthias Keller, Thomas Haustein sowie Mitarbeiterinnen und Mitarbeiter. “Vereinbarkeit von Familie und Beruf. Ergebnisse des Mikrozensus 2010”. Statistisches Bundesamt, Wirtschaft und Statistik, Januar 2012. Ver especialmente págs. 32ss). Outra peculiaridade alemã é que, das mães com emprego, grande parte trabalha a tempo parcial: 70% ou mais entre as que têm filhos menores de 10 anos.

Em grande parte, os contrastes explicam-se pelas condições em que as mães têm de escolher. Nos **EUA**, a lei federal estabelece 12 semanas de licença de maternidade, mas não obriga a que sejam pagas. Seguir em casa até ao termo da licença significa renunciar ao posto de trabalho, mas a situação económica não muda. Em França, a baixa pós-natal paga dura de 10 a 22 semanas, segundo o número total de filhos, e todas as famílias recebem subsídios pelos filhos a seu cargo. Na Alemanha, mais decisivo do que a licença de maternidade (8 semanas), é que as mulheres têm direito a um período de licença acrescido e não pago, com reserva do posto de trabalho, por três anos, e as donas de casa recebem ajudas similares às concedidas às mães que trabalham e necessitam de creches; e também tem muita influência que as creches e as escolas não abrem durante as tardes.

Mas também a maioria das mães francesas e alemãs que ficam em casa, afirma fazê-lo por vontade própria. Em França, 90% alegam que ficam em casa, entre outras razões, para se dedicarem à criação e educação dos seus filhos. Na Alemanha, os motivos pessoais e familiares são os primeiros para 80% das mães sem emprego a tempo inteiro, enquanto que não ter podido encontrar outro é a razão alegada por 10%.

Concluindo, acima das diferenças de circunstâncias e possibilidades entre os países, ficar em casa para atender a família não é algo de uma época já superada, mas uma opção de muitas mães de hoje. Todavia, na maioria dos casos já não é uma situação permanente, durando mais ou menos tempo, consoante as condições de cada sociedade.

R. S.